



FACULDADE DO FUTURO - FAF
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BANALIZAÇÃO DOS DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS MENTAIS

BANALIZATION OF DIAGNOSES OF MENTAL DISORDERS

BANALIZACIÓN DE DIAGNÓSTICOS DE TRASTORNOS MENTALES

Bruna Mariano Costa

Mellina Ashila Martins Alves

MANHUAÇU/MG

2022



FACULDADE DO FUTURO

SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DE MANHUAÇU

Bruna Mariano Costa

Mellina Ashila Martins Alves

BANALIZAÇÃO DOS DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS MENTAIS

BANALIZATION OF DIAGNOSES OF MENTAL DISORDERS

BANALIZACIÓN DE DIAGNÓSTICOS DE TRASTORNOS MENTALES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Banca Examinadora do Curso de Psicologia da Faculdade do Futuro, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Profa. Carolina de Barros

Correa

Manhuaçu/MG

2022

Bruna Mariano Costa

Mellina Ashila Martins Alves

BANALIZAÇÃO DOS DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS MENTAIS

BANALIZATION OF DIAGNOSES OF MENTAL DISORDERS

BANALIZACIÓN DE DIAGNÓSTICOS DE TRASTORNOS MENTALES

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Carolina de Barros Correa

(Orientadora)

Prof.^a Juliana Márcia da Fonseca

(Examinadora)

Prof.^a Liliane Hott Batista

(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pelas nossas vidas e por nos ajudar a vencer os obstáculos encontrados ao longo da graduação.

Aos nossos pais e amigos, que nos incentivaram nos momentos árduos e compreenderam as nossas ausências enquanto nos dedicávamos as pesquisas para realização deste trabalho.

Aos professores, por compartilhar conosco vivências e ensinamentos nos proporcionando um maior conhecimento e um bom desempenho em nosso processo de formação profissional e pessoal.

RESUMO

O presente estudo teórico discute questões relativas à banalização dos diagnósticos de transtornos mentais. Objetivou-se a compreensão do processo histórico de saúde mental no Brasil, bem como analisar a banalização dos diagnósticos de transtornos mentais e como isso pode impactar na vida da população. Através da análise de artigos, constatou-se uma crescente romantização dos transtornos mentais e uma formação de profissionais da área da saúde ainda muito ligada à medicalização da vida. Compreendeu-se então que se faz necessário o desenvolvimento de políticas públicas eficazes na identificação e tratamento adequado àqueles que de fato possuem um diagnóstico correto de transtorno mental.

Palavras Chave: Saúde Mental, Transtornos Mentais, Diagnóstico e Banalização

ABSTRACT

This theoretical study discusses issues related to the trivialization of diagnoses of mental disorders. The objective was to understand the historical process of mental health in Brazil, as well as to analyze the trivialization of diagnoses of mental disorders and how this can impact the lives of the population. Through the analysis of articles, there was a growing romanticization of mental disorders and a training of health professionals still very much linked to the medicalization of life. It was then understood that it is necessary to develop effective public policies in the identification and adequate treatment of those who in fact have a correct diagnosis of mental disorder.

Keywords: Mental Health, Mental Disorders, Diagnosis and Banalization

RESUMEN

Este estudio teórico discute cuestiones relacionadas con la banalización de los diagnósticos de los trastornos mentales. El objetivo fue comprender el proceso histórico de la salud mental en Brasil, así como analizar la banalización de los diagnósticos de trastornos mentales y cómo eso puede impactar en la vida de la población. A través del análisis de los artículos, se observó una creciente romantización de los trastornos mentales y una formación de los profesionales de la salud aún muy ligada a la medicalización de la vida. Se entendió entonces que es necesario desarrollar políticas públicas efectivas en la identificación y tratamiento adecuado de quienes efectivamente tienen un diagnóstico correcto de trastorno mental.

Palabras Clave: Salud Mental, Trastornos Mentales, Diagnóstico y Banalización

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	6
2- DESENVOLVIMENTO.....	7
3 – METODOLOGIA:.....	9
4 – DISCUSSÃO:.....	10
4.1 PATOLOGIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS E SENTIMENTOS.....	10
4.2 MEDICALIZAÇÃO DA VIDA.....	11
4.3 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA EPIDEMIA DE DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS MENTAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	12
5 – CONCLUSÃO:.....	13
6– REFERÊNCIAS:.....	15

1– INTRODUÇÃO

O Brasil foi marcado pela história da loucura, onde os portadores de transtornos mentais eram tratados como loucos e afastados do convívio em sociedade sendo maltratados e violados, poucas eram as alternativas de assistência propriamente ditas. O cenário de instauração de uma exclusão que produzia o conceito de loucura estava intimamente relacionado com a antiga função de instituições manicomiais, situação que reforça a loucura como resultado de uma produção social. A reforma psiquiátrica, foi um movimento crítico opositor às ideias psiquiátricas manicomiais exercidas na época, que, impulsionados pela Constituição de 1988 e pela criação do Sistema Único de Saúde (SUS), fez com que o estereótipo do indivíduo louco começasse a ser modificado apontando para melhoria da qualidade de vida e assistência a portadores de transtornos mentais.

De acordo com Amarante (1995), a Reforma Psiquiátrica é “um processo histórico de formulação crítica e prática, que tem como objetivos e estratégias o questionamento e a elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma da psiquiatria” (p. 91). Segundo a Agência Senado (2021), a primeira fonte de inspiração para a reforma da psiquiatria no Brasil foi a conceituação e prática do psiquiatra Franco Basaglia, que a partir da década de 1960 revolucionou o tratamento de pessoas com transtornos mentais nas cidades italianas de Trieste e Gorizia.

"Basaglia revolucionou o tratamento psiquiátrico, desenvolvendo uma abordagem de reinserção territorial e cultural do paciente na comunidade. Isso em vez de isolá-lo num manicômio à base de fortes medicações, vigilância ininterrupta, choques elétricos e camisas de força." (AGÊNCIA SENADO, 2021)

Ecoando os resultados positivos alcançados na Itália, Basaglia é recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 1973, e a posição da OMS tornou-se foco de debate global, com discussões que se espalharam para o Brasil. A experiência de desinstitucionalização da psiquiatria italiana e sua crítica radical ao manicômio inspiraram movimentos antimanicomiais que surgiram no Brasil na época, como O Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) que consistia em um “movimento plural formado por trabalhadores integrantes do movimento sanitário, associações de familiares, sindicalistas, membros de associações de profissionais e pessoas com longo histórico de internações psiquiátricas” (BRASIL, 2005).

Podemos considerar a Reforma Psiquiátrica como responsável por muitos ganhos e transformações quando se trata de saúde mental. Ainda segundo o Ministério da Saúde (2005) “é no cotidiano da vida das instituições, dos serviços e das relações interpessoais que o processo da Reforma Psiquiátrica avança, marcado por impasses, tensões, conflitos e desafios”

Se antes da reforma havia a marginalização do “louco”, onde ninguém queria ser diagnosticado com algum transtorno ou desviar do comportamento dito padrão para a época, hoje, tem acontecido um fenômeno de banalização dos diagnósticos de transtorno mental. A exigência para que as pessoas estejam sempre felizes e em sua melhor forma, além da romantização de transtornos em muitas produções cinematográficas, têm levado muitas pessoas a atribuírem um diagnóstico a si mesmo e aos outros causando uma enorme dificuldade em pôr em prática políticas públicas que atendam quem realmente sofre dos transtornos, entre outros problemas.

A partir dessa discrepância no tratamento ofertado e na forma como mudou a visão da pessoa com transtorno mental ao longo dos anos, objetivamos, por meio dessa revisão de literatura, compreender o processo histórico de saúde mental no Brasil, analisar a banalização dos diagnósticos de transtornos mentais e como isso pode impactar na vida da população.

2- DESENVOLVIMENTO

Durante a formação, o discente depara-se diversas vezes com a discussão do que é ou não considerado transtorno mental, discussão fomentada pela banalização dos diagnósticos e crescente patologização de qualquer comportamento que fosse considerado desviante.

A definição de saúde foi e ainda é muito controversa, sendo amplamente discutida ao longo dos anos. Por muito tempo, saúde era apenas a ausência de doença e devido a enorme disseminação de significados diferentes e dificuldade de se entrar em um consenso, a Organização Mundial de Saúde (OMS), passou a definir o termo saúde como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social” (OMS, 1946). Entretanto, essa é uma definição utópica, pois dessa forma a saúde passa a ser vista como algo inalcançável. O conceito ampliado de saúde no Brasil pode se expressar então da seguinte forma:

Em seu sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. (BRASIL, 1986: 4)

Historicamente falando, houve ao redor do mundo, diversos acontecimentos marcantes que contribuíram para que houvesse uma disseminação de informações fora de contexto. Alguns transtornos durante um período de grande influência do cristianismo, eram vistos como manifestações divinas, casos como a depressão, por exemplo, passaram a ser vistos como influência de demônios e devido a isso muitas pessoas eram mantidas em prisões, violentamente agredidas e até mortas.

Ao longo dos anos, passou-se a não mais aceitar justificativas baseadas no sobrenatural, o que levou muitos estudiosos a questionarem e buscarem informações concretas que justificassem os comportamentos desviantes, uma vez que eles se repetiam em várias pessoas e não eram apenas eventos isolados. Foi então que, a partir da Segunda Guerra Mundial, houve uma insatisfação da psiquiatria norte-americana com a primeira classificação de desordens mentais do CID-6, levando a publicação da primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em 1952, conhecido como DSM, devido ao título original em inglês ser *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*.

Temos como compreensão de doença uma modificação que possui uma causa definida e detectável, já para transtornos mentais a definição se dá por uma disfunção ou agrupamento de sinais e sintomas considerados clinicamente significativos em sua cognição, comportamento e emoções. No que se refere a história da saúde mental, o DSM abandonou o conceito de doença mental e o substituiu por transtornos mentais.

“Os DSMs falam em transtornos mentais, não em doenças mentais. Isso porque o conceito de doença implica uma etiologia, uma agrupação de sintomas, um curso e um prognóstico, bem como uma certa resposta ao tratamento. Entretanto, não é possível determinar os fatores etiológicos, nem os processos patológicos subjacentes para grande parte dos quadros clínicos. Assim, a opção é descrever os critérios diagnósticos atualizados dos transtornos mentais, de modo que possa ser identificado pelos terapeutas e transmitido aos profissionais por uma linguagem comum. Neste sentido, o DSM-V, bem como as versões anteriores do DSM, se caracteriza mais como um dicionário descritivo do que um manual de patologia”. (ECHEBURÚA; SALABERRIA; CRUZ-SAEZ, 2014).

O DSM, portanto, foi criado de acordo com os critérios da Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association- APA) para o uso de profissionais da área da saúde mental a fim de auxiliar na classificação e diagnóstico de diferentes categorias de transtornos mentais, usado como referência para identificar diferentes condições, o manual padroniza sintomas e comportamentos em comuns em portadores de determinados transtornos. Dessa forma, oferece suporte ao diagnóstico de transtornos mentais e também ao tratamento, sendo listadas em sua primeira edição 106 desordens mentais. A edição em vigor no Brasil

DSM-5 formulada em 2013, concerne a sua quinta edição, sendo listados mais de 300 desordens mentais. A edição mais recente do manual foi lançada em março de 2022, pela *Associação Americana de Psiquiatria* (APA) e se trata do DSM 5-Tr, uma versão atualizada e revisada do DSM-5, entretanto, este ainda não foi traduzido para o Português.

3 – METODOLOGIA:

Segundo Vieira (2006, p. 19) “a metodologia é uma parte extremamente importante, pois é a partir dela que os tópicos gerais de cientificidade (validade, confiabilidade e aplicação) poderão ser devidamente avaliados”. Minayo (2002, p.14) afirma também que a metodologia é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Neste estudo, optou-se por escolher a abordagem qualitativa como embasamento teórico.

[...] a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem [...] (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

O tipo de pesquisa foi de dois tipos, descritiva: “procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas” e explicativa: “: é aquela centrada na preocupação de identificar fatores determinantes ou de contribuição no desencadeamento dos fenômenos.” (ZANELLA, 2013, p.34).

O procedimento aplicado foi a revisão bibliográfica. “A Revisão Bibliográfica também é denominada de Revisão de literatura ou Referencial teórico. A Revisão Bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico”. (SANTOS e CANDELORO, 2006, p. 43).

Para Gil (1994, p. 71) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Diante disso, o presente estudo se fez por meio dos seguintes passos:

I: Plataformas de pesquisas acadêmicas: *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*), *Pepsic* (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e *Google Acadêmico*.

II: Descritores: saúde mental, transtornos mentais, diagnóstico e banalização.

III: Corte temporal: publicações entre os anos 1952 e 2022. O corte temporal se deve ao fato de que para o presente trabalho foi realizada uma comparação entre os DSM já publicados e em 1952 foi publicado o primeiro.

A seleção foi feita por meio de títulos que correspondiam com os critérios pré-estabelecidos, levando em consideração a abrangência. A análise foi realizada levando em consideração as conclusões, experimentos realizados e conhecimento que o arquivo traz para criação do embasamento teórico de forma científica.

4 – DISCUSSÃO:

A divisão do normal e o patológico sempre foi tema de debates e ainda gera muitas discussões acerca desse tema. Sua relevância é tanta que gerou o livro “O Normal e o Patológico”, publicado em 1943 por Georges Canguilhem que, ainda hoje, é tido como muito atual. Além disso, desde a sua primeira edição, o DSM causa grandes discussões acerca dos transtornos mentais devido ao fato de que, a cada nova edição publicada ele apresenta mais classificações de comportamentos ditos desviantes. Devido à polêmica gerada a cada nova publicação do DSM e a outros importantes fatores como, por exemplo, a grande disseminação de informações que por muitas vezes são equivocadas a respeito de saúde mental, não só por meio das mídias sociais, como também em canais abertos de TV e o crescente aumento de diagnósticos em transtorno mental, buscamos então analisar os fatores que envolvem a banalização dos diagnósticos de transtornos mentais e quais os impactos na vida da população. Para isso, utilizamos de embasamentos teóricos já produzidos por outros pesquisadores.

4.1 PATOLOGIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS E SENTIMENTOS

É fato que está cada vez maior o número de pessoas diagnosticadas com algum transtorno mental. Transtornos como a depressão, ansiedade, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), entre outros, estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia. De acordo com o Relatório Mundial de Saúde Mental (2022), divulgado pela OMS, em 2019 quase um bilhão de pessoas viviam com algum transtorno mental.

Transtornos mentais são alterações do funcionamento da mente que prejudicam o desempenho da pessoa na vida familiar, na vida social, na vida pessoal, no trabalho, nos estudos, na compreensão de si e dos outros, na possibilidade de autocrítica, na tolerância aos problemas e na possibilidade de ter prazer na vida em geral (AMARAL, 2011).

No geral, vimos então que, para ser considerado um transtorno mental, este deve afetar negativamente todas as áreas da vida de um indivíduo, entretanto, ao longo dos anos, vimos determinados comportamentos e modo de ser passarem a ser classificados como transtorno

mental e depois de um período e avanço de a ciência deixarem de fazer parte dessa classificação. Como foi o caso da homossexualidade, que, por muitos anos, foi chamada de Homossexualismo. Toniette (2006) relata que:

Em 1973 – 83 anos após a criação do diagnóstico homossexualismo –, a Associação Psiquiátrica Americana, em um ato simbólico, excluiu o homossexualismo enquanto doença, desvio ou perversão do Diagnostic and Statistical Manual-DSM, abrindo espaço para o reconhecimento de novas definições sobre a homossexualidade (TONIETTE, 2006, p.47).

A epidemia de transtornos mentais nunca se fez tão presente como nos dias atuais e isso nos leva a questionar se de fato existem mais pessoas com transtornos mentais ou se estão patologizando sentimentos comuns em nosso dia a dia como foi o caso da homossexualidade. Além disso, sentimentos comuns como a tristeza estão sendo transformados em diagnósticos equivocados em saúde mental, e, um dos principais causadores disso, é a constante imposição da sociedade de que todos precisam estar em sua melhor forma, o que leva a não aceitação dos momentos ruins e a busca constante pela felicidade que muitas vezes acaba gerando mais frustração e sofrimento.

4.2 MEDICALIZAÇÃO DA VIDA

É inegável que os fármacos auxiliam e são muito úteis quando se trata de transtornos mentais severos e persistentes que causam sofrimento e incapacitam de alguma forma na realização de atividades diárias, nesses casos, os psicofármacos se mostram como uma ferramenta de grande valia quando sua finalidade é contribuir para uma melhora na qualidade de vida, promovendo bem estar e visando autonomia e reinserção social (Kantorski, Guedes, Feijó, & Hisse, 2013), entretanto, quando falamos de problemas do dia a dia não se pode simplesmente tomar algum medicamento e torcer para que de alguma forma mágica ele vá embora. Apesar de parecer óbvio, atualmente, muitas pessoas têm buscado os psicofármacos como forma de alívio imediato das mazelas do dia a dia, pois se tornaram pessoas com baixa tolerância à frustração, o que acarretou na chamada Medicalização da Vida. Segundo a professora Maria Aparecida Affonso Moysés, em entrevista ao O Portal UFMG:

A medicalização está diretamente ligada a essa epidemia, porque, nos dias atuais, qualquer problema está sendo diagnosticado como transtorno mental. Sentimentos psíquicos que fazem parte da vida de qualquer pessoa, como os momentos de tristeza, por exemplo, estão sendo diagnosticados como depressão. A quantidade de diagnósticos mostra que há algo estranho nesse campo, a ponto de se pensar que talvez a normalidade tenha sido descartada (O PORTAL UFMG, 2017).

Podemos perceber esse fenômeno quando observamos o ambiente escolar, por exemplo, onde crianças que possuem alguma dificuldade de aprendizagem são rapidamente

diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) quando muitas vezes tal problema é somente o reflexo de um modelo precário de ensino do nosso país.

4.3 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA EPIDEMIA DE DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS MENTAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

É fato que o avanço da tecnologia trouxe muitos benefícios em várias áreas de nossas vidas. Seja na saúde, educação ou até mesmo no âmbito pessoal, onde o avanço da tecnologia possibilitou a aproximação de pessoas em continentes diferentes, a tecnologia tem se mostrado cada vez mais um recurso indispensável nos dias de hoje. Vimos o avanço da tecnologia impulsionar as mídias sociais transformando-as em uma ferramenta de grande valia para a disseminação de informações acerca da saúde mental, entretanto, junto com os benefícios, também começaram a aparecer os impactos negativos, neste caso específico da banalização dos transtornos mentais a velocidade em que uma informação é disseminada ao redor do mundo pode ser bastante preocupante no caso das chamadas “Fake News” que são as notícias e informações que não condizem com a verdade. Segundo Pinheiro et al. (2022) “Com aumento do acesso à informação, o autodiagnóstico e a automedicação viraram riscos da glamourização de transtornos de saúde mental”.

Quando se fala nas consequências causadas pela banalização, podemos perceber que ela carrega consigo inúmeros prejuízos para a vida tanto daqueles que possuem de fato algum transtorno quanto para aqueles que não o possuem e são diagnosticados erroneamente, pois uma vez que alguém recebe determinado diagnóstico, ou o atribui a si e aos outros de forma equivocada, a forma como ela se via no mundo mudará completamente. Sobre a influência da epidemia de diagnósticos na saúde pública podemos afirmar que:

Ela é terrível porque é impossível pensar qualquer política de saúde pública que dê conta de metade da população com problemas de transtornos mentais. Há pessoas precisando de acolhimento, sim, mas quando se tem essa epidemia, os pacientes que possuem problemas reais não são percebidos, pois ficam imersos nesse mar de diagnóstico de transtornos: eles não são identificados e, conseqüentemente, ficam sem atendimento. Nenhum governo é capaz de tratar um povo que apresente metade da sua população com transtornos mentais. (O PORTAL UFMG, 2017)

Além dos fatores citados, a banalização dos diagnósticos gera também uma minimização do sofrimento alheio, pois, uma vez que a maioria das pessoas se queixam de estarem ansiosas, apenas por estarem prestes a realizarem uma prova importante, ou depressivas por estarem passando por um momento comum de tristeza, elas passam a não atribuírem real importância quando alguém de fato está passando por uma crise de ansiedade, por exemplo,

pois acham que isso irá passar rapidamente assim como ocorre nas situações onde não há de fato um transtorno.

5 – CONCLUSÃO:

Por meio deste estudo, foi possível constatar que quando se trata de saúde mental e psicopatologias ainda há muito o que melhorar. Por mais que ao longo dos anos tenha acontecido diversos movimentos importantes como a Reforma Psiquiátrica, já citada anteriormente, que contribuíram para a humanização no cuidado em saúde mental, nos dias atuais pouco tem se falado sobre os aspectos negativos que a glamourização e a romantização de transtornos mentais disseminada pelas mídias pode causar àqueles que são bombardeados a todo momento por alguma informação advindas delas. Vimos que, apesar de toda a tecnologia e ao fácil acesso à informação existente nos dias atuais, esta tem sido utilizada de forma equivocada quando o assunto é saúde mental, pois, a forma como determinados transtornos são relatados em filmes e séries contribui muito para a banalização dos diagnósticos de transtornos mentais.

É fundamental que as pessoas ligadas ao campo da ciência atuem para que a formação de profissionais da área da saúde mude essa visão que ainda é muito voltada para a medicalização da vida e passe a se preocupar com os fatores subjetivos de cada indivíduo. Cabe também à população, por meio de notificações e fiscalizações, cobrar do Estado o desenvolvimento de políticas públicas que sejam eficazes na identificação e tratamento adequado àqueles que de fato possuem um diagnóstico correto de transtorno mental bem como a criação de uma fiscalização midiática onde possibilite a proibição ou punição daqueles que produzem conteúdos a respeito de saúde mental que diariamente são veiculados nas mídias sociais por meio de publicações, vídeos, filmes e séries contendo informações distorcidas, romantizando e relatando casos de transtornos mentais sem muitas vezes haver um embasamento científico prévio, além disso, é preciso que se use o poder das mídias para a disseminação de informações produzidas por meio de fontes confiáveis advindas por meio de pesquisas para que assim contribuam para a conscientização e desenvolvimento de pensamento crítico de toda uma população.

Devido aos impactos causados pela banalização dos transtornos mentais, consideramos que o tema precisa ser mais explorado pelo campo da psicologia. Através de nossas pesquisas, identificamos uma escassez de publicações relacionadas ao tema em questão, e, devido a isso, esperamos que a partir dessa monografia outras pessoas possam ser inspiradas a buscar e produzir mais conteúdos acerca desse tema para que ações de combate a banalização de

transtornos mentais sejam pensadas não somente pelos profissionais da psicologia, como também da sociedade no geral.

6– REFERÊNCIAS:

AMARAL, O.L. **TRANSTORNOS MENTAIS**. Instituto de Estudos e Orientação da Família. Água Branca SP. 2011.

AMARANTE, P., coord. **Loucos Pela Vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil** [online] 2nd ed rev, and enl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995, 136 p. ISBN 978-85-7541-335-7. Available from SciELO Books Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 4 Novembro de 2022.

American Psychiatric Association (APA). (2014). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5** (5. ed.). Porto Alegre: Artmed.

ARAUJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. **A Nova Classificação Americana para os Transtornos Mentais: o DSM-5**. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo , v. 16, n. 1, p. 67-82, abr. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2022.

AUGUSTO TONIETTE, M. . **UM BREVE OLHAR HISTÓRICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE**. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.]*, v. 17, n. 1, 2006. DOI: 10.35919/rbsh.v17i1.443. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/443. Acesso em: 2 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde-Brasília, 1986**. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde.DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas Acesso em: 03 Novembro de 2022.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. 6º Ed. Revista. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

DERBLI, Márcio. **Uma Breve História das Escritas do DSM. Com Ciência** , Campinas, n. 126, março de 2011 . Disponível em<http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; KYRILLOS NETO, Fuad. Curar a Homossexualidade?: a psicopatologia prática do DSM no Brasil. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 10, n. 2, p. 425-446, jun. 2010 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2022.

ECHEBURÚA, E.; SALABERRIA, K.; CRUZ-SAEZ, M. Aportaciones y Limitaciones del DSM-5 desde la Psicología Clínica. *Ter Psicol* [online]. Santiago, v. 32, n. 1, p. 65-74, 2014.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Informe Mundial Sobre Salud Mental: **transformar la salud mental para todos**. Panorama general [World mental health report: transforming mental health for all. Executive summary]. Ginebra: Organización Mundial de la Salud; 2022. Licencia: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

KANTORSKI, Luciane Prado et al. **Medicação Pactuada Como Recurso Terapêutico no Processo de Trabalho de um CAPS: contribuições para a enfermagem**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2013 Out-Dez; 22(4): 1022-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/PvK9VRzWnRsXkqy3RFmBkdz/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 04 de Nov de 2022.

KYRILLOS NETO, Fuad. **Reforma Psiquiátrica e Conceito de Esclarecimento: reflexões críticas**. Mental, Barbacena, v. 1, n. 1, p. 71-82, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272003000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2022.

MARTINHAGO, FERNANDA e CAPONI. **Controvérsias Sobre o Uso do DSM para Diagnósticos de Transtornos Mentais**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29(2), e290213, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/4CXZ3jQsv8d7KjPb5HGy5Sb/abstract/?lang=pt> Acesso em: 26 de Março de 2022.

MINAS GERAIS, Universidade Federal de. **A Epidemia é de Diagnósticos, não de Transtornos mentais**. 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/90anos/a-epidemia-e-de-diagnosticos-nao-de-transtornos-mentais-diz-especialista-da-unicamp/> Acesso em: 03 de Novembro de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade**. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 20, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2022.

PINHEIRO, E. P. V. *et al.* **A Influência das Redes Sociais na Banalização de Psicopatologias. in: Unicef. Unicef para cada criança**. Brasil, 06 set 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/influencia-das-redes-sociais-na-banalizacao-de-psicopatologias> Acesso em: 04 de Novembro de 2022.

REDAÇÃO, Da. **Após 20 anos, Reforma Psiquiátrica Ainda Divide Opiniões**. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/06/apos-20-anos-reforma-psiquiatrica-ainda-divide-opinioes#:~:text=A%20reforma%20psiqui%C3%A1trica%20no%20Brasil,italianas%20de%20Trieste%20e%20Gorizia>> Acesso em : 20 Outubro 2022.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SILVA, E.L. da; MENEZES, E.M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Thiago Loreto Garcia da et al . **O Normal e o Patológico: contribuições para a discussão sobre o estudo da psicopatologia.** *Aletheia*, Canoas , n. 32, p. 195-197, ago. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2022.

Tenório, Fernando. **A Reforma Psiquiátrica Brasileira, da Década de 1980 aos Dias Atuais: história e conceitos.** *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 2002, v. 9, n. 1 pp. 25-59. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xN8J7DSt9tf7KMMP9Mj7XCQ/?lang=pt#> Acesso em: 04 de Novembro de 2022

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa Qualitativa em Administração.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 13-28.

ZANELLA, Liane Garly Hermes. **Metodologia de Pesquisa.** 2ª edição. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.